

## A utilização das imagens sagradas e profanas dentro dos cemitérios

VIVIANE COMUNALE<sup>1</sup>

*Palavras-chave:* cemitérios, imagens, sagrado, profano, simbólico

*A palavra Cemitério (do grego Koumetèrion, de kiomão, eu durmo e do latim coemeterium) designava a principio, o lugar onde se dormia quarto, dormitório, pórtico para os peregrinos. Foi sob a influência das idéias cristãs que tomou, nos primeiros séculos de nossa era, o novo sentido de campo de descanso após a morte, onde se espera a ressurreição, quando soar a hora do Juízo Final (LOUREIRO, 1977: 28)*

Durante vários séculos na Europa, os enterramentos aconteciam dentro das igrejas de forma diferenciada onde aqueles que não possuíam tantos recursos eram enterrados nos adros<sup>2</sup> da igreja, os mais bem aventurados acreditavam que uma boa doação garantiria o seu enterramento próximo ao altar mor e com isso a salvação de sua alma estava garantida.

Os cemitérios como nós conhecemos surgem na Europa durante o século XVIII devida duas mudanças: um retorno aos temas da antiguidade clássica e o surgimento das medidas higienistas.

De acordo com a pesquisadora Maria Amélia Salgado Loureiro (1919-2003) em seu livro *A origem histórica dos cemitérios* essa tentativa de volta ao clássico significa adotar os valores greco-romano, inclusive sobre os enterramentos. Os mortos em Roma eram sepultados nos limites das cidades e dentro de túmulos como uma forma de impedir a proliferação de miasmas<sup>3</sup>.

As medidas higienistas que se espalhavam pela Europa, chegaram ao Brasil em 1801 através da proclamação da Carta Régia, segundo Maria Amélia, essa carta proibia os enterramentos dentro das igrejas e recomendava a construção de um cemitério ao ar livre

---

<sup>1</sup> Professora da rede pública e privada. Graduada pela Universidade Bandeirante de São Paulo. Especialista em História da arte. Mestranda em Artes Visuais pela UNESP.  
[vcomunale@ig.com.br](mailto:vcomunale@ig.com.br)

<sup>2</sup> Adro é o nome pelo qual é chamada a área externa, em geral cercada, das igrejas. Por extensão, o nome também pode designar, em arquitetura, aos terrenos margeantes de uma construção.

<sup>3</sup> Decomposição fétida de animais, plantas e seres humanos.

longe do aglomerado urbano. Essa medida só entra em prática durante o reinado de D. Pedro I e logo se torna bastante impopular provocando manifestações por todo império. Como a ocorrida em Salvador em 1836: a cemiteriada. A manifestação era contra a proibição dos enterramentos dentro das igrejas e contra a exploração dos enterramentos extramuros por uma companhia privada durante trinta anos.

O pesquisador João José Reis em seu livro “*A morte é uma festa*” relata como a população se organizou:

*“A cemiteriada começou com uma manifestação de protesto convocada pelas irmandades e ordens terceira de Salvador, organizações católicas leigas que, entre outras funções, cuidavam dos funerais de seus membros. Naquele dia, a cidade acordou com o barulho dos sinos de muitas igrejas. Os mesmos sinos usados na convocação para missas, procissões, festas religiosas e funerais eram agora dobrados para chamar ao protesto coletivo. A reunião fora marcada para acontecer no terreiro de Jesus, no adro da igreja da Ordem Terceira de São Domingos. De suas sedes, marcharam para ali centenas de membros de irmandades.” (REIS, 1991:13 )*

Em seu artigo a pesquisadora Marcelina das Graças de Almeida “*A cidade Invicta e os espaços de enterramento: apontamentos bibliográficos*” afirma:

*“Portanto na ótica do pesquisador os cemitérios extramuros já existiam de uma forma ou de outra, entretanto a partir do século XIX a conscientização da emergente necessidade de se estabelecer novas formas de sepultamento, proibindo vez por todas, os enterramentos nas igrejas, irá ganhar corpo. E esta consciência não era apenas dos médicos sanitaristas e políticos iluminados.” (ALMEIDA, 2005: 14)*

Mesmo com o descontentamento do povo, os cemitérios extramuros eram a nova realidade dessa sociedade e a saída foi criar representações sacras ou simbólicas nesses locais como forma de reafirmar a sua crença.

### O SAGRADO E O PROFANO:

A composição de um campo santo respeitava as orientações da Carta Régia e da Igreja, ou seja, o local deveria ser murado e fechado com portões, era uma maneira de dizer que a Igreja atuava naquele local.

O pesquisador Clarival do Prado Valladares (1918-1983) fez um estudo detalhado em seu livro *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros* sobre a construção de uma arte cimiterial baseada em uma dualidade entre o sagrado e o profano dentro dos cemitérios protestantes e católicos no Brasil.

Podemos encontrar diversas teorias sobre o que é o sagrado e o profano. Nas palavras de Mircea Eliade (1907-1986) a primeira definição que se pode dar ao sagrado e que ele se opõe ao profano, ou seja, o sagrado se manifesta de forma especial diferente do profano que representa algo real. Enquanto Valladares questiona uma visão histórica de que sagrado é tudo aquilo e qualquer coisa que tenha sido feito a serviço ou sob a permissão de uma religião e o profano seria, portanto o que mais se fez fora desse compromisso.

Para exemplificar tomamos como base o cemitério Père Lachaise, em Paris que logo após benção do campo e a sua abertura oficial, começam a edificar capelas com símbolos católicos e com santos como uma forma de túmulos. Esse tipo de construção se espalhou pelo mundo e reafirmou a presença do sacro nesse novo espaço.



*Figura 1 Vista lateral da Capela  
Autoria: Viviane Comunale  
Cemitério do Brás 2010  
Acervo das autora*



*Figura 2 Detalhes com a estatuária cristã  
Autoria: Viviane Comunale  
Cemitério do Brás 2010  
Acervo das autora*

“Os túmulos empregam com frequência fórmulas piedosas em seus epítáfios, símbolos cristão nos adornos e imagens devocionais das mais simples as mais luxuosa. Em todos os cemitérios convencionais seculares brasileiros, das grandes metrópoles aos centros menores, há pelo menos uma representação do grupo escultórico que retrata a Fuga para o Egito e uma escultura da Pietá apropriada da obra de Michelangelo.” (BORGES, 2001:2)

No Brasil, o início da arte tumular acontece em meados do século XIX, quando os imigrantes italianos chegam ao país. Além de recebermos a mão de obra que seguirá para as fazendas cafeeiras no oeste paulista, nessa época chegam os “primeiros marmoristas, juntamente com os demais profissionais dos mais variados setores da ciência, da arte e das letras” (BORGES, 2002:57), com o objetivo de instalarem suas oficinas e oferecerem serviços artísticos a sociedade paulista. Essas marmorarias contavam com um catálogo com peças que poderiam ser reproduzidas de acordo com a vontade do cliente, encontramos nesses catálogos esculturas de anjos – em diferentes formas e posições-, Pietá, Jesus, altares, cruzeiros e santos. Todas as peças poderiam ser reproduzidas igual a do catálogo ou redefinidas de acordo com a idéia do comprador.

Com o passar do tempo, além do trabalho criativo desses artesãos, alguns artistas plásticos também fizeram obras sacras para adornar túmulos nos cemitérios extramuros como, por exemplo, Victor Brecheret (1894-1955) um dos escultores mais influentes do período modernista brasileiro, em sua passagem por Paris no ano de 1923 decidiu participar do "Salon d'Automne" com a sua escultura "*Mise au Tombeau*" o Sepultamento. Esta obra hoje está no Cemitério da Consolação no túmulo da paulista Olivia Guedes Penteadó (1872-1934).<sup>4</sup>

Dentro do âmbito profano também encontramos várias obras que seguem uma classificação: construção de túmulos luxuosos e com grande ostentação de riqueza frente à sociedade da época, epígrafes que demonstrem a biografia do morto, estatuárias de cunho erótico, arquitetura maçônica, obras que se opõem aos valores católicos.

Valladares em sua pesquisa nos aponta uma mudança no Brasil a partir de 1905, época onde os valores artísticos brasileiros começam a ser repensados, é nesse contexto que os

---

<sup>4</sup> Casada com Inácio Leite Penteadó tio da mecenas Yolanda Penteadó, conheceu o movimento modernista em Paris e logo se simpatizou com o movimento.

artistas redefinem, por exemplo, que uma escultura que reflete uma manifestação erótica pode ser interpretada como uma escultura simbólica e não mais uma imagem profana. Tomemos o exemplo de duas obras projetadas pelo escultor Alfredo Oliani (1906-1988) que se encontram na Necrópole de São Paulo.

#### O túmulo da Família Cantarella:

O professor de sociologia José de Souza Martins escreveu no seu artigo Tesouro Paulistano publicado no jornal o Estado de São Paulo em 2006 sobre essa história de amor:

(...) Antônio Cantarella veio da Itália já casado com Maria. O amor dos dois é lendário na família. Antônio imigrou rico e se estabeleceu em São Paulo como comerciante e proprietário. Se deixou bens, não sei. Ele e Maria deixaram mais que isso, a lenda de sua paixão sobrepondo-se à própria morte. (MARTINS, 2006)

Com o falecimento do seu amado esposo as vésperas do Natal, Maria Cantarella encomendou um conjunto escultórico que fosse capaz de representar a sua dor e a perda de seu amado. Foi assim que Oliani criou O último adeus. O túmulo em mármore foi projetado pela Casa Maia marmoraria tradicional de São Paulo, as esculturas feitas em bronze trazem um casal nu em um momento de despedida, a mulher desfalecida sob um fino véu sendo beijada por um homem viril.



*Figura 3 Detalhe da escultura Túmulo da Família Cantarella  
Alfredo Oliani - 1924  
Necrópole São Paulo – SP 2011  
Acervo pessoal da autora*

## O túmulo da Família Giannini:

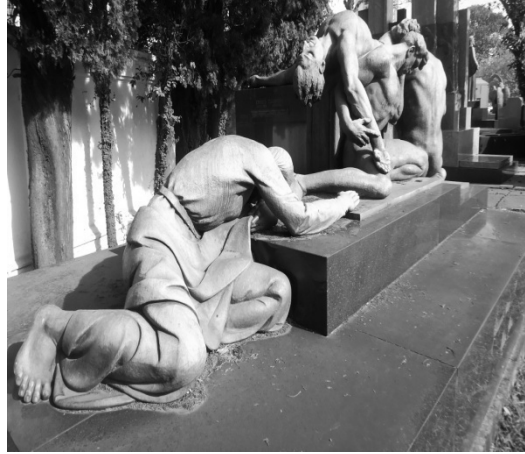
Com o título de Triste Separação o conjunto escultórico foi projetado em bronze por Oliani, a alegoria mostra duas figuras masculinas nuas segurando uma terceira pessoa que está desfalecida com os braços estendidos, no lado esquerdo é possível ver uma figura feminina desolada e tentando tocar a mão daquele que interpretamos como o seu grande amor.

No túmulo encontramos os nomes de Emilio Giannini (1884-1946) e Maria Clara de Mello Barreto Giannini, não encontramos referência sobre a data de nascimento o único registro encontrado é do seu falecimento em 1974. A partir dessas informações podemos entender que a alegoria foi encomendada ao escultor a pedido da “Maria Clara” com o objetivo de demonstrar como ela se sentia com a perda de seu grande amor.

Em ambos os casos vemos que o artista utilizou a escultura do nu para adornar esses túmulos, o que poderia ser interpretado como uma arte profana, porém com a redefinição dos cânones podemos dizer que ambas as obras são simbólicas, representam o amor e a dor sentimentos presentes em ambas as situações.



*Figura 4 Túmulo da Família Giannini  
Alfredo Oliani  
Acervo pessoal da autora  
Necrópole São Paulo – SP 2011*



*Figura 5 Detalhe do Túmulo s/i  
Alfredo Oliani  
Acervo pessoal da autora  
Necrópole São Paulo – SP 2011*

### A ARTE SIMBÓLICA:

O simbolismo é uma ideia proposta por Friedrich Hegel (1770-1831) em seu livro Curso de Estética: “a arte simbólica é apenas uma ideia do que se deseja expressar e não a realização dessa ideia.”

Valladares durante as suas pesquisas sempre citou sobre esse estilo artístico que pode ser encontrado em vários cemitérios da cidade, as obras acabam criando um diálogo com os visitantes e proporcionando uma ligação afetiva com a obra.

Pensando nessa proposta trazemos o exemplo da arte produzida pelo escultor Leopoldo e Silva (1879-1948) que adorna o túmulo onde se encontra o advogado Moacir de Toledo Piza. (1891-1923) A interrogação, escultura em granito de uma mulher nua sentada com as pernas estendidas, semi reclinada e pesarosa, representando um ponto de interrogação<sup>5</sup>.



*Figura 6 Túmulo Moacir Piza  
Leopoldo e Silva  
Acervo pessoal da autora*

<sup>5</sup> M  
un  
se

dois anos com sua cliente a cortesã Nenê Romano, em  
le um taxi na Av. Angélica com a Rua Sergipe e em

## *Cemitério da Consolação – SP 2008*

### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com o fim dos enterramentos dentro das igrejas e o surgimento dos cemitérios extramuros, uma nova forma de arte começa a ser disseminada: a tumular. Os responsáveis por essa arte, sem dúvida foram os imigrantes italianos que trouxeram o seu ofício para a cidade. A utilização de técnicas artesanais e um catálogo de esculturas que poderiam ser reproduzidas de acordo com a vontade do cliente, fizeram com a arte tumular florescesse dentro cemitérios.

A influências da Igreja nos cemitérios fizeram com que a população encomendasse aos artesãos esculturas, entalhes e peças pertencentes ao âmbito sagrado. No início do século XX outras manifestações começam a povoar esses espaços como a arte profana que trazia elementos opostos aos religiosos e a arte simbólica que fora pensada para expressar uma ideia ou uma ação.

Percebemos que a arte tumular continuou a ser produzida até meados da década de 1970, depois de um longo declínio os túmulos construídos nos cemitérios deixaram de seguir os modelos tumulares e assumiram uma característica mais simples, túmulos recobertos em azulejo e para decorar uma cruz ou a face de um santo ou até mesmo de Cristo. Infelizmente a partir da década de 1990 com o surgimento dos cemitérios jardins controlados por empresas privadas e devido a sua estrutura não permitem a construção de túmulos nos moldes dos cemitérios extramuros.

## BIBLIOGRAFIA

ARIÉS, Phillipe. História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. Trad. Priscilla Vianna de Siqueira.

ALMEIDA, Marcelina das Graças. A cidade invicta e os espaços de enterramentos: apontamentos bibliográficos. In: Universidade de Federal de Minas UFMG, 2005

BORGES, Maria Elizia. Imagens Devocionais nos Cemitérios do Brasil. In: XI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2001, São Paulo. ANPAP na Travessia das Artes - São Paulo: ANPAP, 2001. v.01. p. 10-15.

\_\_\_\_\_. Arte Funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte, 2002

ELIADE, Mircea. Sagrado e Profano: A essência das religiões. São Paulo 3º ed: WMF Editora, 2010

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. Origem histórica dos cemitérios. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da prefeitura do município de São Paulo, 1977

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VALLADARES, Clarival do Prado. Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura – Departamento de Imprensa Nacional. 1972. v.1

\_\_\_\_\_. Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura – Departamento de Imprensa Nacional. 1972. v.2

### Fontes documentais:

Cemitério da Consolação – São Paulo- SP.

Cemitério da Quarta Parada – São Paulo – SP

Necrópole São Paulo – São Paulo - SP.